

# EDUCAÇÃO SEXUAL EM DISPUTA: CONSERVADORISMO E FUTUROS RESTAURADORES NA ESCOLA PÚBLICA

**CECILIA SÁNCHEZ GARCÍA**

Universidad de la República

ceciliasanchezg14@gmail.com

## INTRODUÇÃO DO PROBLEMA

O trabalho apresenta resultados iniciais da pesquisa “*As alianças conservadoras, a política e a prática educacional: um estudo de caso comparativo do Brasil, do Chile, do Uruguai e dos Estados Unidos*”, projeto internacional financiado pelo CNPq e vinculada à UFRGS. Especificamente, centra-se nas perspectivas de familiares e docentes sobre a educação sexual em escolas públicas. A análise busca investigar como, nesses discursos, se articulam perspectivas conservadoras em torno da sexualidade, da família e da educação, e de que modo projetam imagens de futuro de cunho restaurador no campo educacional. Assim, procura-se compreender não apenas as disputas atuais em torno da educação sexual, mas também as temporalidades e os horizontes de sentido que essas posições mobilizam. O corpus analítico é composto por quinze entrevistas realizadas em duas escolas da cidade de Rivera, durante o ano de 2024.

Diversos estudos têm mostrado como distintas expressões do conservadorismo contemporâneo articulam disputas culturais e educacionais em torno da sexualidade, da família e da infância (BROWN, 2020; GOMES DE LIMA et al., 2025). No campo educacional, e particularmente no caso do Uruguai, numerosos antecedentes indicam que essas controvérsias se intensificaram na última década, em paralelo aos avanços em matéria de educação sexual integral (ESI) (ABRACINSKAS et al., 2019; VISCARDI et al., 2019; HABIAGA et al., 2022; SÁNCHEZ, 2022, 2024). Nesse processo, observa-se uma articulação de atores sociais, políticos e religiosos que, por meio de múltiplos repertórios de ação política, questionam a presença desses conteúdos na sala de aula.



Programas educacionais de orientação conservadora costumam configurar-se, em parte, como desenhos que projetam no porvir imagens idealizadas de um passado perdido que seria necessário restituir. As noções de *retrotopía* (BAUMAN, 2017) e *retroutopía* (GATTO, 2024) ajudam compreender essa operação: quando o horizonte de futuro se contrai ou parece se fechar, o porvir começa a ser povoado por referências a um passado convertido em lugar ao qual se deveria restaurar. Muitas expressões políticas autoritárias e de extrema direita contemporâneas alimentam-se dessa nostalgia restauradora. No entanto, como observa Rosana Pinheiro-Machado (2025), essas forças não se limitam à mobilização de emoções negativas, como a raiva ou o ressentimento, mas também ativam desejos, aspirações e expectativas, a partir dos quais se produzem imagens do futuro.

## DESENVOLVIMENTO

A análise das entrevistas permite identificar os sentidos que configuram um marco a partir do qual a educação sexual é interpretada e avaliada. Mais do que um conjunto de conteúdos curriculares, a educação sexual aparece vinculada a preocupações mais amplas sobre mudanças na sociedade, as formas de criação das crianças e o lugar da escola na transmissão de valores.

Diante da pergunta sobre a abordagem da educação sexual nas escolas, as respostas de docentes e famílias costumam situar o tema dentro de um marco de moderação e cautela. Em geral, as pessoas entrevistadas não rejeitam explicitamente que a escola aborde aspectos vinculados ao corpo ou às diversidades, mas ressaltam a importância de tratar esses temas de maneira limitada e adequada à idade das crianças. Identifica-se também uma visão restrita da educação sexual, associada principalmente ao conhecimento de aspectos biológicos e do corpo humano.

Em alguns relatos aparece a ideia de que determinados temas — especialmente aqueles vinculados à diversidade de gênero — constituem conteúdos sensíveis para a comunidade escolar e deveriam ser evitados. Alguns docentes assinalam que a escola deve tratar esses assuntos com cuidado, em parte devido à diversidade de crenças religiosas presentes entre as famílias. Em uma das escolas, por exemplo, menciona-se a presença significativa de famílias vinculadas a igrejas evangélicas, o que



incide nas decisões sobre quais temas são trabalhados e como são abordados na sala de aula.

Nas entrevistas realizadas com as famílias, a educação sexual não aparece como uma preocupação central em si mesma, mas se vincula a expectativas mais amplas sobre o papel da escola na formação de valores, disciplina e respeito. Em diferentes relatos, a escola é valorizada principalmente como um espaço de transmissão de normas de convivência e de regulação do comportamento infantil. Nesse marco, a educação sexual tende a situar-se em um horizonte mais amplo de formação moral.

Essa delimitação do papel da escola associa-se, em alguns casos, ao princípio da laicidade. Uma docente assinala, por exemplo, que determinados temas vinculados às crenças religiosas das famílias “não podemos trabalhar” na escola, enfatizando que a instituição deve manter uma posição “totalmente neutra” diante dessas questões. A laicidade, princípio orientador da educação pública uruguaia, é um conceito polissêmico e permanentemente disputado no campo educacional. No entanto, nos discursos analisados identifica-se um uso particular do princípio, associado a uma ideia de neutralidade que delimita as margens de intervenção da escola.

Nessa perspectiva, o apelo à laicidade opera como um mecanismo de restrição do tratamento de certos temas na sala de aula, em nome do respeito às convicções familiares e religiosas, mobilizando um uso conservador do termo (ROMANO, 2022; ALVAREZ CAVANNA; ROMANO, 2022). A contraface dessa interpretação da laicidade é a instalação de um manto de suspeita sobre educadoras e educadores, cujas intervenções podem ser lidas como formas de doutrinação ou como uma violação de uma suposta neutralidade institucional. Desse modo, ainda que o marco normativo e o currículo educacional incorporem explicitamente determinadas temáticas — entre elas, a ESI — sua abordagem na sala de aula tende a enfraquecer (SÁNCHEZ, 2024).

Nas entrevistas, as preocupações em torno da educação sexual, da disciplina e do papel da escola na transmissão de valores costumam articular-se com comparações entre o presente escolar e um passado concebido como mais ordenado e estável. Uma entrevistada afirma que, em sua época, “a professora dava dois gritos e pronto”, evocando relações pedagógicas hierárquicas e rígidas. Nesse tipo de relato, o passado constitui-se



como ponto de referência a partir do qual se julgam as transformações contemporâneas da escola e da infância. Ao mesmo tempo, a escola é imaginada como espaço de preservação — ou mesmo de recuperação — de uma ordem moral considerada legítima. Nesse sentido, os discursos analisados podem ser lidos como portadores de imagens de um futuro restaurador, na medida em que projetam a expectativa de restituir ou sustentar formas de autoridade e de socialização percebidas como ameaçadas no presente.

## CONCLUSÕES

A análise das entrevistas permite observar que as controvérsias sobre a educação pública não se organizam apenas em torno de desacordos sobre conteúdos curriculares específicos —embora os incluam— mas se inscrevem em disputas mais amplas acerca do lugar da escola na formação das novas gerações. Nos discursos analisados, a laicidade e a liberdade de ensino aparecem frequentemente associadas à defesa dos direitos das famílias de definir os valores e as crenças que orientam a educação de seus filhos. A ESI é percebida, nesse marco, como uma intromissão da escola em uma esfera considerada familiar ou pessoal.

Essas posições projetam determinados horizontes sobre o futuro da escola e da educação. Nesse cenário, as disputas em torno da educação sexual colocam em jogo diferentes formas de compreender os limites entre o público e o privado, o papel da escola na construção do comum e seu lugar na invenção do novo. Trata-se, em última instância, de um campo de disputa entre diferentes modos de imaginar o futuro da educação.

## REFERÊNCIAS

ABRACINSKAS, Lilián; PUYOL, Santiago; IGLESIAS, Nicolás; KREHER, Stefanie. **Políticas antigénero en Latinoamérica: Uruguay, el mal ejemplo**. Montevideo: Mujer y Salud en Uruguay, 2019.

ALVEZ CAVANNA, Federico; ROMANO, Antonio. La revista de la educación del pueblo y los debates sobre la laicidad: entre hechizos y palabras. **Hemisferio Izquierdo**, n. 42, 8 dic. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopía**. Barcelona: Paidós, 2017.



BROWN, Wendy. **En las ruinas del neoliberalismo: el ascenso de las políticas antidemocráticas en Occidente**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2020.

GATTO, Ezequiel. Prólogo. In: TANNER, G. **Porsiemprismo: cuando nada termina nunca**. Buenos Aires: Caja Negra, 2024.

GOMES DE LIMA, Iana; DALMASO-JUNQUEIRA, Bruna; FERREIRA, Jaqueline; DIAS DOS SANTOS, Gabriel; DALMAGRO BRAGA, William. O vocabulário do conservadorismo na educação brasileira: um glossário em construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 25, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v25.1140>

HABIAGA, Verónica; RIVERO, Leonel; VISCARDI, Nilia; ZUNINO, Malena. Lo que el debate dejó: laicidad, educación sexual y pugnas por los derechos de género en el Uruguay de hoy. **Crítica Contemporánea**, n. 11, p. 81–114, 2022.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Raiva, sonhos e insubordinação: como a extrema direita e as mídias digitais mobilizam a classe trabalhadora plataformizada. **Horizontes Antropológicos**, v. 31, n. 73, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e730601>

ROMANO, Antonio. Un nuevo pacto laico, a la uruguaya. In: MARTINIS, Pablo (coord.). **¿Se terminó el recreo? El proyecto educativo conservador**. Montevideo: Sujetos, 2022.

SÁNCHEZ, Cecilia. En el nombre del hijo: familias y privatización de la educación. In: MARTINIS, Pablo (coord.). **Disputas en torno al carácter público de la educación**. Montevideo: FHCE, Udelar, 2022.

SÁNCHEZ, Cecilia. Eso que llaman amor: conservadurismo y disputas por la educación sexual integral en Uruguay. **Tramas y Redes**, n. 6, p. 115–131, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54871/cl4c600g>

VISCARDI, Nilia; HABIAGA, Verónica; RIVERO, Leonel; FLOUS, Clarisa; ZUNINO, Malena. La educación (sexual) en disputa: un análisis del campo educativo como escenario de luchas por los derechos de género en el Uruguay de hoy. **Ejes de Economía y Sociedad**, v. 5, n. 8, p. 96–115, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33255/25914669/584>

